

Frederico Lourenço

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Sophia e Homero

Em Julho de 1964, Sophia de Mello Breyner Andresen recebeu o Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, por aquele maravilhoso conjunto de poemas a que deu o título *Livro Sexto*. As palavras proferidas por ocasião da entrega do prémio são frequentemente citadas e muitos de nós que aqui estamos hoje conhecemos a sua música na voz da própria Sophia, no milagroso filme de João César Monteiro (que tem o defeito imperdoável de só durar vinte minutos). De qualquer forma, lerei as primeiras frases desse texto:

“A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria. Mais tarde a obra de outros artistas veio confirmar a objectividade do meu próprio olhar. Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas”¹.

Haveria vários aspectos a assinalar desde já nestas palavras que acabei de citar. Por agora vou limitar-me a indicar aquele que mais me impressionou da primeira vez, há mais de vinte anos, que li este texto; aspecto esse que ainda hoje me impressiona. É o facto de Sophia falar numa frase de “outros artistas”, relativamente aos quais sente, digamos assim, consanguinidade anímica, e logo na frase seguinte dar como exemplo Homero. Não faz a coisa por menos. Aliás, nem por mais nem por menos: porque o segundo exemplo de um artista consanguíneo é Amadeo de Souza-Cardoso. Portanto surge-nos esta “troika” inesperada: Homero e Amadeo, com Sophia no meio. Mas o que está aqui em causa é “Sophia e Homero”, o título desta comunicação.

¹ *Livro Sexto*, Edição Definitiva, Lisboa, Caminho, 2003, p. 73.

Mas ainda antes de falar em “Sophia e Homero”, vou deslocar os elementos do título para “Homero e Sophia”. Ou seja, em vez de indagar até que ponto existem elementos homéricos na poética de Sophia, vou perguntar até que ponto existirão elementos andresenianos na poética de Homero? Esta questão tem vindo a colocar-se-me com fortíssima acuidade, dado que ando há algum tempo atrelado ao texto da *Odisseia* e da *Ilíada*. Esforço esse em que muitas vezes dou por mim a pensar “isto parece Sophia”. E aqui temos já um dado curioso, porque quando leio poemas de Sophia nunca me ocorre dizer “isto parece Homero”. Como não posso estar aqui a dar muitos exemplos, darei só um. Oiçamos os versos sobre Posídon, o deus do mar, deus tutelar de Sophia, no Canto XIII da *Ilíada* (vv. 11-29):

*Posídon olhava admirado para a batalha e para o combate,
no píncaro mais elevado da frondosa Samotrácia,
donde se via perfeitamente toda a montanha do Ida
e se viam a cidade de Príamo e as naus dos Aqueus.
Aí se sentara, tendo emergido do mar; dos Aqueus sentiu
pena, subjugados pelos Troianos, e contra Zeus forte ira sentiu.
Desceu imediatamente da áspera montanha, caminhando
com passos rápidos; tremeram os altos montes e os bosques
sob os pés imortais de Posídon, à medida que caminhava.
Três foram os passos que deu: e ao quarto passo chegou
ao destino, Egas, onde fora construído seu famoso palácio
no fundo do mar, dourado e cintilante, imperecível para sempre.
Foi aí que chegou e fez atrelar ao carro seus cavalos velozes
de brônzeos cascos com fartas crinas douradas;
e de ouro se armou ele próprio à volta do corpo. Agarrando
no chicote de ouro bem forjado, subiu para o carro,
que conduziu por cima das ondas. Por baixo dançaram
golfinhos das profundezas, pois conheciam seu soberano.
De felicidade se abriu o mar.*

Esta última frase em especial, “de felicidade se abriu o mar”, poderia perfeitamente ter sido escrita por Sophia. E para calar já quem julgue que na minha tradução ando a “andresenizar” Homero, lembro que a frase em português é a tradução mais literal e pedestre possível das palavras que estão no original grego. Homero compõe, de facto, versos como este; de admirar era que Sophia não sentisse consanguinidade com uma poética destas.

A palavra-chave aqui é evidentemente “felicidade”, pois é a ela que a própria Sophia recorre das três vezes que descreve o efeito que a poesia de Homero provoca na alma. “Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas”, disse Sophia aquando da entrega do prémio. E ao falar da

Grécia no livro *O Nu na Antiguidade Clássica*, as palavras escolhidas são “país de montanhas e navios onde os golfinhos correm quase à tona da água, onde a alegria se multiplica de ilha a ilha e sobre a qual paira a grande felicidade dos deuses de Homero”². Aqui, além da felicidade, temos também os golfinhos, figurantes aliás muito mais recorrentes na obra de Sophia do que na de Homero. Também no pequeno texto sobre a Grécia publicado a título póstumo no Suplemento Mil Folhas do jornal *Público* (10-7-2004), os termos são muito semelhantes: “só em Homero, só no azul espalhado e na indizível felicidade da poesia homérica eu tinha encontrado uma notícia fiel daquilo que depois vi”.

Ao falar daquilo que de andreseniano poderá haver em Homero, já entrei naquilo que de homérico há em Sophia. Portanto, “Sophia e Homero”, como reza o título desta comunicação. Mas se tomarmos à letra as afirmações da autora no texto da entrega do prémio, de acordo com os seus próprios cânones Sophia, enquanto poeta, é pouco homérica. Pois Sophia parece querer arredar dos seus poemas aquilo que é fantástico e imaginário, para dar primazia à “própria presença do real”. Ora na poesia homérica temos, pelo contrário, a primazia do fantástico e do imaginário: basta pensarmos nos cavalos que falam e choram na *Ilíada*, nos robôs precursores da ficção científica no palácio de Hefesto, dos homens na *Odisseia* transformados em porcos e novamente em homens (mas mais novos e mais belos), nas sereias... É uma poesia onde, pelos vistos, a própria presença do real está soberanamente ausente.

Mas não está. O real aflora em Homero não menos que o fantástico e imaginário na obra de Sophia. Para não entrar na destrinça melindrosa daquilo que é real e imaginário nos poemas, prefiro dar o exemplo dos livros infantis. Pensemos na sublime *Menina do Mar*. É um livro que, quanto a mim, representa um marco bem homérico no percurso da autora. E não é só o tema do Rei do Mar, com o seu palácio tão próximo daquele descrito por Homero no Canto XIII da *Ilíada*. Há uma toada, uma cadência na prosa da *Menina do Mar* que a torna consanguínea da homérica pulsação das sílabas. A última frase do livro soa aos meus ouvidos como transcrição inspirada do hexâmetro homérico: “E o Rei do Mar estava sentado no seu trono de nácar, rodeado de cavalos-marinhos, e o seu manto de púrpura flutuava nas águas”³.

Mas além da toada, há também a organização discursiva, o modo de juntar as frases umas às outras. O discurso homérico é tudo menos hipotático: não temos longas cadeias de orações subordinadas, mas antes frases relativamente curtas e simples, que o poeta junta umas às outras preferencialmente por meio da copulativa “e” ou da adversativa “mas”. Neste aspecto, a própria prosa de

² *O Nu na Antiguidade Clássica*, Lisboa, Caminho, 3ª edição, p. 53.

³ *A Menina do Mar*, Porto, Figueirinhas, s.d. p. 29.

Sophia tem uma qualidade homérica, no sentido em que ela dispensa toda a construção periódica à maneira de Platão, Cícero, Padre António Vieira ou Proust, para escrever frases simples, que se me afiguram previsíveis quando o público alvo são as crianças, mas altamente arrojadas quando o público alvo são adultos, como no caso dos contos. Escrever daquela maneira tão despida, tão aberta, tão exposta não é para qualquer escritor. Também a Homero ela foi buscar a absoluta simplicidade de efeitos no acto de narrar.

Há um conto, como todos sabemos, em que Homero é explicitamente invocado pela autora: trata-se do conto *Homero*, na colectânea *Contos Exemplares*, em que Homero surge sob a forma de um mendigo da praia da Granja chamado Búzio. Mas não vou falar desse conto. Vou falar antes de outro conto, intitulado *Era uma Vez uma Praia Atlântica*, em que Homero é implicitamente invocado e surge sob a forma de um banheiro da mesma praia da Granja chamado Manuel Bote. O paralelismo entre os dois textos é óbvio e alerta-nos para a capacidade sibilina da parte de Sophia de ver Homero onde menos se esperaria vê-lo. A descrição do banheiro é sobejamente reveladora:

“A sua barba branca começara já a embranquecer, a valentia e a força da sua braçada pertenciam já ao mundo das histórias que se contam como lendas... Mesmo envelhecido era um homem belo, alto, de ombros largos e costas direitas. Tinha os olhos de um cinzento nebuloso como o mar de Inverno mas, às vezes, um sorriso os azulava e então pareciam muito claros na pele queimada. A sua estatura, o seu porte de mastro, as suas veias grossas como cabos e os anéis da barba e do cabelo, a aura marítima que o rodeava, davam-lhe um certo ar de monumento manuelino mas, simultaneamente, tinha a beleza tosca de um barco de pescadores, construído com as mãos, pintado com as mãos e deslavado por muito mar e muitos sóis”⁴.

Tal como no caso do Búzio, Sophia transpõe para a descrição da figura humana elementos que caracterizam o texto homérico. O Búzio e o Manuel Bote não são apenas pelo seu aspecto físico reencarnações nortenhas do poeta épico grego, mas são eles próprios no seu corpo uma espécie de retrato da poesia homérica. São figuras tutelares da infância da autora, colossos na mitologia andreseniana, prenúncios prospectivos da leitura de Homero e materializações retrospectivas da respectiva leitura. Ou seja, quando Sophia adulta escreveu os contos em questão, o Búzio e o Manuel Bote já não eram só pessoas reais da sua autobiografia; pelas leituras que entretanto se tinham intrometido, estavam já colados à figura do autor da *Ilíada* e da *Odisseia*.

⁴ *Era uma Vez uma Praia Atlântica*, Lisboa, Expo 98, pp. 9-10.

Figura essa que surge, quanto a mim, num outro texto em prosa: neste caso, no incomparável “Caminho da Manhã”, no *Livro Sexto*. Se Sophia viu Homero na praia da Granja, muito mais facilmente o veria no Algarve. No entanto, há aqui um facto curioso: segundo a antiga tradição biográfica, que remonta ao *Hino Homérico a Apolo Délio* e à figura de Demódoco na *Odisseia*, Homero era cego. Razão pela qual no “Caminho da Manhã” Sophia o vê a ele, mas não ele a ela. Cito:

“E verás os polvos cor de pedra e as conchas, os búzios e as espadas do mar. E a luz se tornará líquida e o próprio ar salgado e um caranguejo irá correndo sobre uma mesa de pedra. À tua direita então verás uma escada: sobe depressa mas sem tocar no velho cego que desce devagar.”

Sobre o poema intitulado “Homero” no último livro de poemas, *O Búzio de Cós*, não tenho muito a acrescentar ao que já escrevi no *Jornal de Letras* (n.º 882, Julho/Agosto de 2004). Tenho, sim, a acrescentar novos dados em relação a um tema que aflorei nesse artigo: as traduções homéricas de Sophia. É que entretanto adquiri um exemplar do livro *A Vida Quotidiana no Tempo de Homero*, de Émile Mireaux, que Sophia traduziu nos anos 50 e que se encontra publicado nos Livros do Brasil.

É um livro estranhíssimo, que na versão original francesa não tem valor de espécie alguma, do ponto de vista estrito da Filologia Clássica. Eu seria incapaz de recomendar a leitura aos meus alunos, pelo simples facto de que, se repetissem num exame o que vem naquele livro, eu teria de os chumbar. Mas como tantas vezes acontece, há traduções que superam milagrosamente o original. E este é um desses casos, graças ao facto de a tradutora ter sido Sophia de Mello Breyner Andresen. *A Vida Quotidiana no Tempo de Homero* vale por ela; mas não pela tradução que ela faz da prosa horrível de Émile Mireaux, mas pela tradução dos versos geniais de Homero. É que, neste livrinho, encontramos um espólio fascinante de traduções andresenianas de passos da *Ilíada* e da *Odisseia*.

Para mim, como tradutor de Homero, esta descoberta muito recente foi quase arrepiante, dado que pude confirmar pequeninas coisas, que só eu sei, sobre como dar a uma tradução fiel e literal, como é a minha, a ilusão de ser poesia. Além da inspiração que fui beber a Eugénio de Andrade e a Ruy Belo, ou a Camões e Pessoa, não tenho a menor dúvida de que o génio tutelar da minha tradução é Sophia. No fundo, o que eu tentei fazer foi traduzir Homero como se eu próprio me chamasse Sophia Andresen, embora, como eu já frisei, sem andresenizar o texto de forma propositada ou artificial. Muito simplesmente, pelas razões já aqui apresentadas, senti que o mais perto que se pode chegar da naturalidade da dicção homérica é a obra de Sophia, tanto em verso como em prosa. E foi uma felicidade capaz de abrir o mar que eu senti quando encontrei os seguintes versos do “Escudo de Aquiles”, na tradução de Sophia, que parecem

ter sido traduzidos como se ela tivesse ao lado uma folha de papel com todas as regras que, cinquenta anos depois, eu imporá a mim mesmo na tradução da *Odisséia* e da *Ilíada*. Para finalizar, cito Homero, traduzido por Sophia:

*Junta-se o povo na ágora; onde um debate
se ergueu entre dois homens em conflito pelo resgate
dum homem que foi morto. Um oferece pagar tudo
e declara-o à assembleia; o outro nada quer aceitar.
Ambos recorrem ao juiz para pôr termo à questão.
O povo manifesta-se ora por um ora por outro em dois partidos.
Os arautos contêm a multidão. Os anciões
sentados em pedras polidas presidem no círculo sagrado.
Têm nas mãos os bastões dos arautos sonoros,
erguem-se com eles e, chegada a sua vez, falam.
No meio, sobre a terra, vêem-se dois talentos de ouro,
Pertencerão àquele cuja sentença for mais recta.⁵*

⁵ *Ilíada*, XVIII, 497-508; in Émile Mireaux, *A Vida Quotidiana no Tempo de Homero*, tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen, Lisboa, Livros do Brasil, pp. 177-178.